

O Índio e a Literatura Brasileira

Do ponto de vista intelectual, ou, mais, propriamente, literário, a influência ameríndia não tem sido ainda devidamente analisada, isto é, estudada com critério menos pessoal e subjetivo.

Isso, certamente, deve ser levado à conta da complexidade notável que ela apresenta, contraforte em que se vai despedaçar a ousadia simplista de um que outro pseudo-crítico brasileiro ou português.

Realmente, de Franklin Távora a José Osório de Oliveira, em ambos os países, e ininterruptamente, tem havido uma como que onda de visível menoscabo, aparentemente à base de má-fé, em relação ao indígena brasileiro e sua cultura. Mas, bem examinadas essas opiniões, salta-nos, logo, à vista que elas se originam da confusão que reina no cérebro de tais críticos, porquanto, em meio à maior ignorância de dados sobre o ameríndio, partem eles de falsas premissas, repetindo-se uns aos outros, e à conclusão das mesmas, sem mais outra, costumam conferir o mais absoluto e geral dos valores. Em outros termos, domina-os ainda o apriorismo das priscas eras, o tabú do preestabelecido, a cegueira indiscutível dos espíritos dogmáticos e intolerantes. E, no entanto, em que pese à dificuldade do assunto, uma pequena dose de bom senso fôra de incalculáveis consequências para assentar a solução do problema.

Quem quer que se disponha a tratar do índio em face da literatura brasileira, deverá, forçosamente, estar ao corrente dos novos requisitos, exigidos pela apreciação literária, os quais, sem dúvida, se inspiram nos mais modernos e racionais critérios científicos, isto é, terá que usar de método objetivo e relativista, culturalmente falando.

Assim sendo, o índio, frente à nossa literatura, será suscetível de receber outro exame e outra valorização.

Com efeito, não menos de três aspectos diferentes oferecerá ele, então.

Antes de tudo, tê-lo-emos que estu-

dar em função da literatura (embora oral) de sua própria língua. Neste ponto uma ligeira distinção deverá ser observada, pois que houve a literatura brasileira pré-cabralina e a posterior, geralmente jesuítica.

A seguir, surge o indianismo propriamente dito, ou, seja, o índio tomado como tema de dissertações literárias (de caráter romântico), por vezes, um tanto exageradas, mas, no todo, bem brasileiras.

Finalmente, uma terceira faceta nos desperta a curiosidade: a do sangue indígena nas letras brasileiras. O índio, através de seus descendentes mais ou menos mestiçados, alguns mesmo sem nenhuma consciência racial, se transforma em verdadeiro baluarte da literatura em português, a que empresta o rebelde de seu índole e o vivo de sua imaginação.

No que tange à primeira dessas atitudes apreciativas, lembremos os contos de animais e as trovas do selvagem, sem falar no desafio, que se transmitiu ao caboclo, principalmente do Nordeste.

Martius, D'Orbigny, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães e muitos outros, algo importante nos podem relatar a respeito.

Em relação aos escritores jesuíticos de língua geral, citemos o padre Anchieta com seus "Autos Catequistas" e "Poesias", e o seu colega Cristóvão Valente e seus cânticos religiosos, hoje sabiamente reimpressos por Mestre Plínio Ayrosa e seus discípulos.

Quanto à segunda faceta da influência índia, isto é, a do indianismo como corrente literária, em que o aborígene americano é tema, até certo ponto, de devaneios românticos, não menor é o simplismo e a parcialidade, com que é tratada.

Diz-se que é imitação inexpressiva de Chateaubriand e Cooper, e que nada apresentou de extraordinário, entre nós, a não ser a exteriorização dum forte sentimento lusófono, dominante na política brasileira da primeira metade do século XIX.

Sandice das sandices. Nem Chateaubriand foi o primeiro a dissertar sobre o índio, e nem Gonçalves Dias e Alencar os primeiros a fazê-lo no Brasil.

Muito antes do genial francês, já Santa Rita Durão, Basílio da Gama e outros, com igual garbo e luzimento, haviam cantado os feitos da raça e posto grande zelo em lhos perpetuar.

É que, aqui, o índio era elemento de casa e não objeto exótico de admiração, como acontecia na Europa. Não há negar, todavia, uma certa influência do imortal bretão. Mas, limitou-se ao estilo.

Finalmente, um terceiro aspecto, ainda, existe: o dos intelectuais brasileiros de sangue indígena. São eles: Euclides da Cunha, Coelho Neto, Capistrano de Abreu, Odorico Mendes, José de Alencar, Augusto dos Anjos, José Veríssimo, Augusto de Mendonça, Raul Machado, Xavier Marques, Rocha Pombo, Érico Veríssimo, Oswald Orico e tantos outros, às vezes, propositadamente incluídos em outros "stocks" raciais, como se a ciência antropológica não tivesse cultores dedicados e concienzosos por todo o Brasil.

Deante do exposto, resulta, pois, que, longe de constituir simples novidade de proveniência européia e vida efêmera, o nosso indianismo representa verdadeiro caudal de fluência permanente, porque vem das próprias origens telúricas de nossa gente e suas tradições históricas, agora mais do que nunca, dignas de maior relevo, para orgulho de todos quantos fazem parte desta maravilhosa Democracia Racial.